

DOMINGUES AZEVEDO

O HOMEM QUE NÃO PODE FUGIR AO FISCO (NEM AO PS)

Já foi chefe de Carvalho da Silva, controla as contas dos socialistas e desvaloriza o caso Fátima Felgueiras, argumentando que a corrupção autárquica é prática comum. As frequentes viagens entre Famalicão e Lisboa não lhe deixam tempo para saborear mariscadas e ler Saramago

É de trato simples o homem que controla 90 por cento dos impostos em Portugal e as contas do Partido Socialista. Coordena a maior organização profissional portuguesa – a Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas (CTOC) – que contabiliza actualmente 82 mil membros e controla cerca de 56 mil milhões de euros. António Domingues Azevedo, 58 anos, garante que a melhor forma de fugir ao fisco é “cumprindo a lei” e afiança que o cofre da família socialista está “mais controlado e organizado”. Ainda assim, é duro em críticas no que concerne à nova lei do financiamento dos partidos.

Partido Socialista, finanças, Vila Nova de Famalicão e Lisboa. São palavras que se confundem e misturam no percurso de vida de Domingues Azevedo. Desde 1983 que este famalicense de gema divide a vida entre a sua terra natal, Fradelos (uma freguesia do concelho de Famalicão) e a capital. Antes de assumir o cargo de presidente da CTOC (1996), cumpriu quatro mandatos como deputado do PS na Assembleia da República (entre 1983 e 1995). Foi precisamente durante o tempo em que desempenhou o cargo de deputado que conseguiu fazer nascer a CTOC. Fez sempre parte da Comissão Parlamentar de Economia e Finanças, é o autor do projecto de lei que regula-

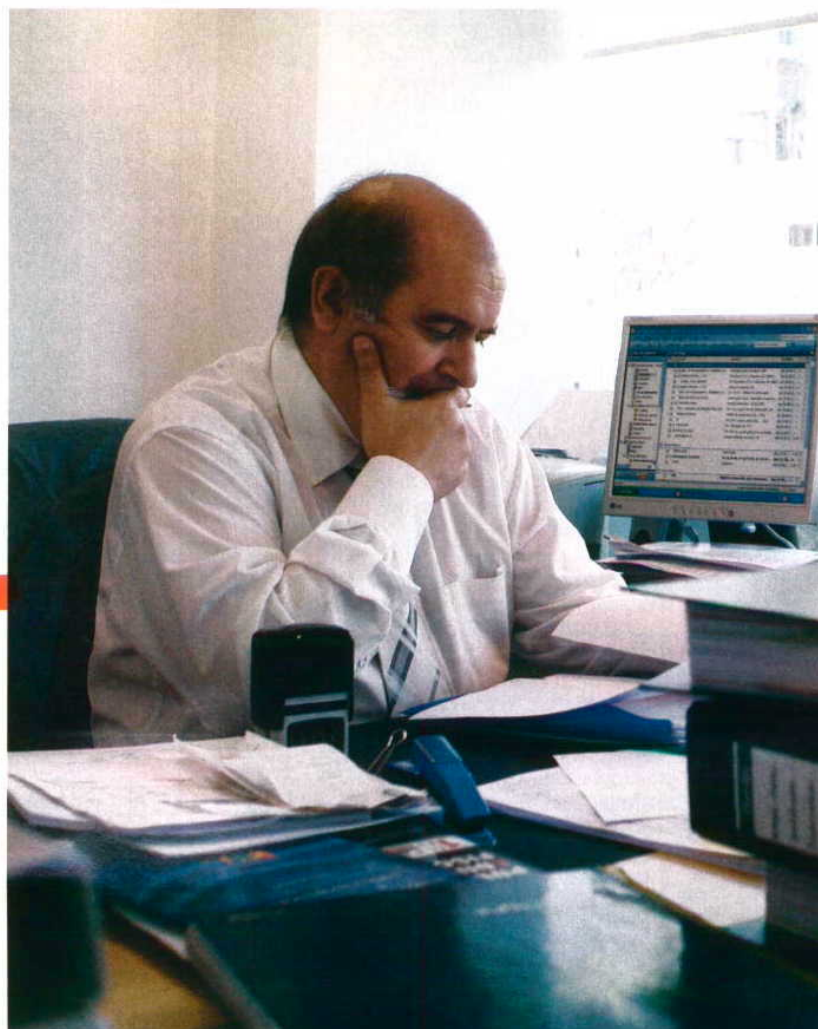
mentou a profissão de técnico oficial de contas, foi vice-presidente e presidente da comissão instaladora da associação dos técnicos oficiais de contas no final da década de 90. Fez nascer a sua câmara e nela continua a mandar, até aos dias de hoje. O presidente preside a ele mesmo. Tem duas empresas, em Famalicão, de contabilidade e gestão.

Quando olha pelo retrovisor, Domingues Azevedo fixa o momento em que controlou Carvalho da Silva e partilhou uma vivenda com quatro deputados. Frisando o facto de ter construído a sua

vida profissional a “pulso”, lembra que foi funcionário de uma empresa de metalomecânica, onde esteve entre 1974 e 1980. Naquela PREH, cruzou-se profissionalmente com o actual secretário-geral da CGTP-IN. “Eu era o responsável pelo controlo das existências em armazém”, lembra, “recorda com alguma ironia. Nessa altura já fazia a “escrita” contabilística de pequenos empresários. Pouco tempo depois a Assembleia da República passou a ser uma espécie de segunda casa.

“Quando cheguei a Lisboa pela pri-

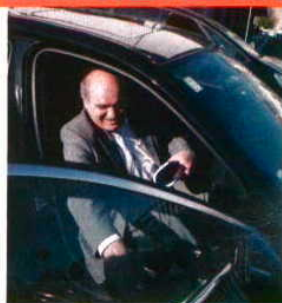
A CTOC controla cerca de 56 mil milhões de euros



UM DIA COM DOMINGUES AZEVEDO

AGITAÇÃO

A manhã foi ocupada com uma acção de formação da CTOC, na FIL. Antes, preparou a intervenção no quarto do hotel onde fica regularmente





meira vez, como deputado, tinha 33 anos e, claro está, não tinha grande prática nem grande conhecimento na zona. Evidentemente que quando isso acontece, e quando um indivíduo vem da província, vale-se é dos deputados conhecidos e com maior experiência", recorda com um sorriso na cara. À data, nomes como Mesquita Machado, Raul Rego, Agostinho Domingues e Arons de Carvalho estavam instalados no Hotel Excelsior e por influência dos mesmos também foi para lá. Alguns meses depois, Domingues Azevedo, um colega de Coimbra, um de Castelo

Branco, um de Portalegre e outro do qual a origem não se recorda, alugaram uma vivenda na Encarnação, perto do aeroporto. "Aquilo era muito giro", recorda.

Confessa que "infelizmente" não sabe cozinhar, mas explica como, no tempo da vivenda, partilhavam as tarefas: "Eu punha e arrumava a mesa. O outro lavava a louça e o outro, que cozinha muito bem, não fazia mais nada a não ser cozinhar. Havia ainda outro colega que providenciava o aprovisionamento das coisas na casa como por exemplo o vinho e o pão." Mas surge o

ano de 1986 e nenhum dos companheiros de casa é reeleito. Com o receio da solidão resolveu voltar ao hotel de sempre. "A partir daí nunca mais saí até porque por lá estavam muitos deputados do PS", afirma. Domingues Azevedo garante que nos momentos de convívio as "negociatas políticas" ficavam de fora.

Os anos foram passando, deixou de ser deputado em detrimento de ocupar o cargo de presidente da CTOC, continuou a trabalhar em Lisboa mas o medo da solidão manteve-se. Por conseguinte, optou por não adquirir uma residência na capital, preferindo as viagens semanais constantes entre o

Norte, Lisboa e à estadia no local de sempre. Os funcionários do Excelsior são uma espécie de "família" e mesmo quando chega em cima da hora tem sempre garantido um quarto onde ficar.

Dorme poucas horas e é sempre o primeiro a chegar

Dorme poucas horas e nos dias em que marca presença nas suas empresas é o primeiro a chegar. Às 08h30 já lá está. Quando vai para a sede da CTOC apanha o avião das 06h30. Nestas situações tem um motorista que garante a sua mobilidade, sendo que o seu dia-a-dia em Lisboa parece ser muito prático e sem perdas de tempo. Vai religiosamente almoçar ao Rodízio – restaurante perto da sede da CTOC – em que são os próprios clientes que se ser- ▶





► vem. "Assim é mais rápido. Gosto de comer bem, mas não gosto de perder muito tempo numa refeição", assegura. Colaboradores próximos do presidente garantem que este fica até tarde a trabalhar na sede.

É devido à falta de tempo que António Domingues Azevedo ainda não conseguiu concretizar o sonho de concluir a licenciatura em Direito na Universidade de Coimbra, iniciada há mais de 15 anos. Está inscrito no terceiro ano "mas o tempo não dá para tudo". E talvez seja por causa da escassez desse bem que mostra vontade de colocar um ponto final nos elos de ligação que ainda tem com a família rosa: membro da Assembleia Municipal de Famalicão e presidente da Comissão Económica e Financeira do PS.

Relativamente ao cofre dos socialistas, assegura que "sob pressão do Tribunal Constitucional tem melhorado significativamente a sua organização administrativa". Apesar de concordar com a ideia de ser imperioso que o financiamento dos partidos seja claro, defende que a actual lei a curto prazo terá de ser muito modificada no sentido de lhe dar uma maior flexibilidade. "Da maneira como ela está as pessoas ou não falam verdade ou é perfeitamente impossível. Estar a obrigar que se faça uma relação, por exemplo, de um jantar de apoio ao candidato A ou candidato B em que se discrimina, caso a caso, a quanto cada participante paga, não faz sentido. Assim como não faz sentido obrigar as pessoas a pagar em cheque. É excesso de zelo", critica.

Como um homem do Norte que é – como faz questão de salientar – é a favor da regionalização e defende a existência "de uma voz que mostre que o Norte é activo e preponderante para a economia nacional". Descarta a ideia que uma maior distribuição adminis-



FUTURO – O mandato de Domingues Azevedo na CTOC termina em 2010. Não pensa recandidatar-se, a menos que o trabalho realizado esteja em perigo

trativa do país vá fomentar o *job for the boys* porque "as mais-valias desses custos valerão o investimento feito a nível de contratação de recursos humanos".

Ainda há pouco tempo a sua câmara causou agitação no ambiente autárquico português. Em causa esteve a publicação de um documento que relatava o (mau) estado das contas

Ainda não concluiu a licenciatura iniciada há mais de 15 anos

das edilidades. Apesar do cenário pouco simpático, quando se pergunta a Domingues Azevedo se o PS deve apoiar uma eventual candidatura de Fátima Felgueiras à autarquia com o mesmo nome, responde: "Há alturas em que se inventam, e outras em que se diaboliza, pessoas e/ou situações que não fazem muito sentido. Quando uma pessoa começa a escarpelizar estas situações acaba

por verificar que vivemos, muitas vezes, rodeados de uma autêntica hipocrisia. A questão da Fátima Felgueiras, daquilo que eu a conheço... perdão... aquilo que conheço do processo, penso que é uma questão comum a 99 por cento das nossas autarquias. E das duas uma, ou se arranja uma estrutura de financiamento ou então não vale a pena porque elas só conseguem sobreviver por efeito da carolice", atira.

O actual mandato de Domingues Azevedo na CTOC termina em 2010. Não pensa recandidatar-se a menos que veja em perigo o trabalho realizado até agora. "As pessoas não se devem cristalizar nos cargos", defende. A partir dessa altura, e ao que tudo indica, terá mais tempo para ler Saramago, usufruir da sua casa de férias em Ofir, saborear o marisco que tanto aprecia e descontraír durante as caminhadas à beira-mar. ■

MARTA ARAÚJO (TEXTO)
E JOSÉ PEDRO TOMAZ (FOTOS)



HÁBITOS

O presidente da CTOC almoça religiosamente perto da sede, no restaurante brasileiro 'Rodízio'